

BERNARDO ÉLIS: FORÇA E EXPRESSÃO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

*BERNARDO ÉLIS: STRENGTH AND EXPRESSION IN CONTEMPORARY
LITERATURE*

Álvaro Catelan

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)
catelanimaginario@gmail.com

Resumo. O presente artigo mergulha na vida de Bernardo Élis por meio de suas obras e retoma a percepção da vida no interior, enaltecida pela sinfonia de suas palavras. Também analisa trechos de seu regionalismo destacado e aponta uma crítica social aliada à densidade psicológica de seus personagens. Evidencia-se, por fim, a literatura bernardiana tomando o rumo do interior goiano, apresentando a vida desse povo em forma de denúncia e protesto.

Palavras-chave. Bernardo Élis. Literatura brasileira. Conto. Regionalismo.

Abstract. This article dives into the life of Bernardo Élis through his works and resumes the perception of life in the interior, enhanced by the symphony of his words. It also analyzes excerpts from its outstanding regionalism and points to a social criticism allied to the psychological density of its characters. Finally, it is evident that the Bernardine literature took the course of the interior of Goiás, presenting the life of these people in the form of denunciation and protest.

Keywords. Bernardo Élis. Brazilian literature. Tale. Regionalism.

INTRODUÇÃO

Com o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o mundo foi dividido em dois “blocos” rivais: de um lado, os países identificados com a política dos Estados Unidos, de claro ideal capitalista, e, de outro, os países que assinalavam para uma abertura socialista sob o comando da hoje extinta União Soviética, mesmo porque essas duas grandes potências representavam claramente, para os seus seguidores, o caminho mais certo, o futuro mais promissor.

A partir dessa época, deu-se início a uma grande mudança de ordem geográfica, política e econômica, que, por sua vez, originou um período político conhecido como Guerra Fria, tendo como liderança, de um lado, o bloco capitalista e, de outro, o bloco socialista. Os países mais afetados eram aqueles que pertenciam ao Terceiro Mundo, especialmente os países latino-americanos, que sofriam todo tipo de privações por imposição de seus governos ditatoriais e autoritários.

No Brasil, como em outros países, os problemas políticos, sociais e econômicos também eram muitos, o que tornava a situação do ditador Getúlio Vargas muito delicada, razão pela qual acabou sendo deposto, nesse ano de 1945, pelas mesmas lideranças conservadoras que o levaram ao poder anos atrás. No entanto, Vargas voltou ao poder pelo voto direto em 1951, onde permaneceu até 1954, quando cometeu suicídio. Em 1955, deu-se a eleição de Juscelino Kubitschek para a presidência da República, que se estendeu até 1960, quando foi substituído por Jânio Quadros, que assumiu o governo em 1961 e iniciou uma das piores crises políticas do Brasil contemporâneo. Em 1964, um golpe militar principiou uma ditadura de uma direita feroz, que se prolongou por quase vinte anos.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA

Essa fase do Modernismo que tem início em 1945 é caracterizada, sobretudo, por uma tendência neorrealista, pelas renovações temáticas e linguísticas, pela literatura intimista, de investigação psicológica, pelo fluxo de consciência, pela abordagem de temas profundamente sociais, pela presença de um realismo mágico e pelo apuro formal cuja somatória de tudo acaba rompendo com os padrões tradicionais da produção literária brasileira. A literatura desse período revela acentuada preocupação não apenas com a temática, mas, sobretudo, como a palavra, com a escrita, com a forma, com o fazer narrativo.

Muito embora, cronologicamente, a terceira geração modernista tenha o seu início em 1945, vale ressaltar que a produção literária que abriu novos caminhos para esse novo fazer literário no Brasil teve início em 1943, com a publicação do romance *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector. Nessa obra, a então jovem e desconhecida autora faz um mergulho no interior do ser humano e acabou por exportar os seus mistérios e conflitos. Já em 1946 aparece o livro de contos *Sagarana*, de Guimarães Rosa, obra marcada tanto pela originalidade da linguagem regionalista como pela forma de ver o sertão, o qual transcende o espaço geográfico, o regional, para se transformar num espaço universal, cheio de símbolos de seres míticos. Seguindo os caminhos que levam a uma literatura regionalista forte e densa, nesse mesmo período há também a presença de Adonias Filho, Mário Palmério e Bernardo Élis; o último, principalmente, dono de uma narrativa de forte densidade psicológica.

Por outro lado, seguindo a trilha de uma prosa de ficção caracterizada pela sondagem psicológica já desenvolvida por Clarice Lispector, ou então caracterizada pela tonalidade de um realismo mágico, encontra-se Lygia Fagundes Teles, Dalton Trevisan, José J. Veiga, Rubem Fonseca, Murilo Rubião, Carlos Heitor Cony, João Antonio, Moacyr Scliar, Wander Piroli, João Ubaldo Ribeiro e outros que também ganharam notoriedade após os anos 70. No momento, o que nos interessa é o estudo da temática na obra bernardiana extraída de alguns de seus contos.

BERNARDO ÉLIS (1915-1997): UMA TEMÁTICA FIEL AO DRAMA SOCIOPSICOLÓGICO DO HOMEM GOIANO

“(…) e delíciei-me com o Caminhos e Descaminhos. Formidável aquele conto..., dos índios, da indiazinha com a veadinha. Ninguém, em país nenhum, nenhum tempo, parte alguma, escreveu coisa melhor!”

Guimarães Rosa

Bernardo Élis era natural de Corumbá de Goiás. Bacharelou-se em Direito, foi advogado e professor de literatura. Estreou na literatura em 1944, com a obra *Ermos e Gerais*: contos, publicada pela Bolsa de Publicações de Goiânia, produção que mereceu ótima receptividade tanto pelos leitores quanto pela crítica, valendo destaque a acolhida que recebeu de Monteiro Lobato e Guimarães à época.

Élis teve a honra de merecer o prêmio José Lins do Rêgo, em 1965, para o livro de

contos Veranico de Janeiro, que levou também o prêmio Jabuti, e o Jabuti outra vez com o clássico romance O Tronco.

Em 1975 tomou posse na Cadeira n. 01 da Academia Brasileira de Letras.

Teve algumas de suas obras adaptadas para o cinema: Índia: a Filha do Sol, de Fábio Barreto; André louco, de Rosa Berardo; A Enxada, de Iberê Cavalcante; e O Tronco, de João Batista de Andrade, esta última considerada a melhor adaptação de uma obra sua para o cinema. Assim como o livro, O Tronco, que narra a disputa pelo poder entre os grandes fazendeiros do Sul, que comandam o Governo e coronéis do Norte do Estado de Goiás na década de 1910, o filme é um épico dramático e instigante, com forte influência dos clássicos de aventura, porém com um pano de fundo político. Em 1981, Fábio Barreto dirigiu Índia: a Filha do Sol, uma adaptação do conto Ontem Como Hoje Como Amanhã Como Depois.

Entre outros, escreveu **Caminhos Descaminhos** (contos); **Veranico de Janeiro** (contos); **Caminhos dos Gerais** (contos); **O Tronco** (romance); e **Chegou o Governador** (romance).

Faleceu no dia 30 de novembro de 1997.

Embora tenha lavrado nos roçados da poesia onde, segundo Gilberto Mendonça Teles, revela influências de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, seu objetivo era mais provocar do que encantar o público. Na realidade, foi na prosa que Bernardo Élis encontrou sua melhor forma de expressão, o suficiente para ser considerado um dos principais regionalistas da atual literatura nacional.

O Regionalismo é um fazer literário que desperta sentimento de nacionalismo, pois desperta a realidade mais forte e, por vezes, chocante da vida de nossa gente. Na estética regionalista, percebe-se a intenção de criar uma linguagem que venha revelar o falar do povo rural com suas particularidades linguísticas, por meio do olhar do autor, e de revelar a tragédia, a miséria, a violência e a injustiça, que se tornam uma verdadeira e indesejada inquilina dessa gente.

A obra de Bernardo Élis possui caráter universal, mesmo explorando a realidade do interior goiano e, mais ainda, suas personagens como Piano, Nhola dos Anjos, a indiazinha Put-Kôe, Cabo Sulivero, Capitão Elpídio Chaveiro. Estes tipos estão presentes no grande painel da desigualdade humana pintado por Bernardo Élis com as tintas das cores universais.

A professora Nelly Alves de Almeida, em Presença Literária de Bernardo Élis, escreveu:

Um dos maiores talentos da moderna ficção brasileira ambiental, suas narrativas nas plagas dos sertões goianos. Registra a fala de cá com todas as peculiaridades expressivas, a elas dando formas audaciosas e independentes. Embora não siga a linha inventiva de Guimarães Rosa, é dono de uma força verbal extraordinária com uma autoridade surpreendente. (...)
Emprega a fala de sua região – a do centro goiano-mineiro, levantando termos de usos passados e buscando, nas formas novas, expressão exata de sua fantasia, de seu pensamento.

As personagens da obra bernardiana são tipos marcantes, inesquecíveis, estão cobertas com as vestes da angústia e da tragédia, lembrando as grandes obras da literatura greco-romana.

Para perceber esse mundo subterrâneo em sua obra, além da marca do regionalismo, chumbado nos fatores históricos da cultura regional, delimitado nos limites do mundo goiano, recorreremos inicialmente a alguns fragmentos do conto *Nholados Anjos* e as *Cheias do Corumbá*, obra de um realismo chocante, assustador, que envolve uma família do interior de Goiás, vítima da pobreza e do medo das rigorosas enchentes do Rio Corumbá.

— Fio, fais um zóio de boi lá fora pra nós.

O menino saiu do rancho com um baixeiro na cabeça, e no terreiro, debaixo da chuva miúda e continuada, enfincou o calcanhar na lama, rodou sobre ele o pé, riscando com o dedão uma circunferência no chão mole — outra e mais outra. Três círculos entrelaçados, cujos centros formavam um triângulo equilátero.

Isto era simpatia para fazer estiar. E o menino voltou:

— Pronto, vó.

— O rio já encheu mais? — perguntou ela.

— Chi, tá um mar d'água! Qué vê, espia, — e apontou com o dedo para forado rancho. A velha foi até a porta e lançou a vista. Para todo lado havia água. Somente para o sul, para a várzea, é que estava mais enxuto, pois o braço do rio aí era pequeno. A velha voltou para dentro, arrastando-se pelo chão, feito um cachorro, cadela, aliás: era entrevada. Havia vinte anos apanhara um “ar de estupor” e desde então nunca mais se valera das pernas, que murcharam e se estorceram.

Começou a escurecer nevroticamente. Uma noite que vinha vagarosamente, irremediavelmente, como o progresso de uma doença fatal.”

(...)

“Este ano, se Deus ajudá, nós se muda.” Há quarenta a velha Nhola vinha ouvindo aquela conversa fiada. A princípio fora seu marido – “Nôia precisa muda, praque senão a água leva nós”.

(...)

Quelemente saiu ao terreiro e olhou a noite. Não havia céu, não havia horizonte — era aquela coisa confusa, translúcida e pegajosa. Clareava as trevas o branco leitoso das águas que cercavam o rancho. Ali pras bandas da vargem é que ainda se divisava o vulto negro e mal recortado do mato. Nem uma estrela. Nem um pirilampo. Nem um relâmpago. A noite era feito um grande cadáver, de olhos abertos e embaciados. Os gritos friorentos das marrecas povoavam de terror o ronco medonho da cheia.

No canto escuro do quarto, o pito da velha Nhola acendia-se e apagava-se sinistramente, alumiando seu rosto macilento e fuxicado.

— Ocê bota a gente hoje em riba do jirau, viu? — pediu ela ao filho. — Com essa chuva de dilúvio, tudo quanto é mundice entra pro rancho e eu num quero drumi no chão não.

Ela receava a baita cascavel que inda agorinha atravessara a cozinha numa intimidade pavorosa. (ÉLIS, B. Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá. In _____. **Ermos e Gerais**, 1944)

Por esses fragmentos, podemos perceber que se trata de um texto chocante do ponto de vista da temática e ímpar pela forma empregada pelo narrador, que elabora uma sequência de cenas revelando o mundo caótico e miserável desses pobres sobreviventes abandonados à própria sorte nos confins de Goiás.

Analisando sua obra, o professor Gilberto Mendonça Teles escreveu:

Bernardo Élis está sempre preocupado com o fundo social de sua obra, onde as personagens são sempre os párias, indigentes, loucos, agregados miseráveis, enfim, toda uma galeria de personagens neo-naturalistas, terá- tológicas, com suas taras e problemas numa visão macabra e terrível do mundo, como se não houvesse, nunca, para o homem pobre a beleza da felicidade material, porquanto a outra felicidade, aquela que mais se identifica com a natureza do espírito, esta parece completamente alheia à obra de Bernardo Elis.

Bernardo Élis está situado no mesmo patamar de Guimarães Rosa e Mário Palmério, especialmente pela riqueza e originalidade na recriação da realidade do sertão e pela preocupação com a literatura que forma o ciclo da pecuária na grande região do Brasil Central. Mais próximo ainda de Guimarães Rosa, em função da riqueza da linguagem de ambos, com destaque para a musicalidade linguística.

Veja este trecho inicial do conto Uma Certa Porta:

Entre um pulo e um coice, eriçando a crina, o cavalo corcoveia, mete a cabeça entre as patas, sacode os freios, um relincho e outro pincho, eis que vou às nuvens e a sela me foge, refoge o estribo e me estrepe e me atrepe, me agarro no vento: embaixo são pedras e patas e pedras e pontas de paus.

– Uf! (ÉLIS, B. Uma Certa Porta. In _____. **Caminhos e Descaminhos**, 1965)

Do ponto de vista da criação literária, sua obra é sempre marcada por intensa tragédia que, com muita frequência, assola o solitário homem chumbado em nossos infindos sertões. Exemplos dessa visão trágica da existência estão nos contos *A Enxada*; *Nhola dos Anjos* e *a Cheia do Corumbá*; e *André Louco*, para citar apenas três entre os seus vários trabalhos que revelam a animalidade, a violência e a brutalidade que movem a vida desses pobres e infelizes sobreviventes sertanejos desamparados pela sorte.

Sobre a obra de Bernardo Élis, escreveu o professor e crítico literário Fritz Teixeira de Salles:

(...) o toque de leve ironia definidora é uma das mais altas virtualidades de Bernardo Élis como narrador. O processo de alienação, no qual desfilam os personagens, constitui um quadro vivo, o pequeno mundo dentro do mundo, grande e perdido que é Goiás. Há portanto e isto é constância nas suas obras, um conflito entre o pequeno mundo (os personagens, suas idéias, sensações e conceitos) e o grande mundo em cujo espaço foi modelado aquele quadro de vida. A marcação da atmosfera da classe média interiorana é perfeita e conseguida sempre com traços levíssimos.

Embora tenha começado como poeta, Bernardo Élis encontrou na prosa sua melhor forma de expressão; o suficiente para ser considerado um dos principais regionalistas da atual literatura nacional, viajante dos descaminhos onde habitam seus miseráveis personagens que se dividem entre opressores e oprimidos.

Em sua posse na ABL, Bernardo Élis, foi saudado por Aurélio Buarque de Hollanda e, em determinado momento, fez referência a uma fala de Guimarães Rosa a respeito de um comentário deste sobre um conto de Bernardo. Disse o filólogo:

Presidente, srs. acadêmicos, senhores e senhoras,

Passando a falar do segundo volume de contos de Bernardo Élis, *Caminhos e Descaminhos* (1965), cronologicamente a sua terceira obra, principiarei citando trecho da carta que lhe endereçou Guimarães Rosa, com data de 21 de maio de 1965. Ei-lo:

“E delicie-me com o *Caminhos e Descaminhos*. Formidável aquele conto..., dos índios, da indiazinha com a veadinha. Ninguém, em país nenhum, nenhum tempo, parte alguma, escreveu coisa melhor!”

O conto, a que Guimarães Rosa, citando-o de memória, troca o nome, pondo, interrogativamente, “Aqui, ali, acolá?”, chama-se, em verdade, “*Ontem, como hoje, como amanhã, como depois*”. Que direi dele, depois do que disse Mestre Rosa? Desde a ambientação, o cenário da tragédia, até a tragédia mesma, a morte da indiazinha Put-Kôe, de quem se quer ver livre o cabo Sulivero, tudo é incomumente grande. Que prosa quente, animada, cósmica, a dos períodos iniciais acerca do Tocantins!

“Lesma , cobra, bicho danado que ia, deslizando, escorregando, viscoso e frio lambendo o barranco, mordendo as areias, pastando o capim das estrelas ora azul como o céu, ora faiscante ao sol de fogo, já imitando o azougue nas noites em que o luar é o próprio silêncio escorrendo; fumaça que se levanta da queimada de mata virgem e se perde na lonjura do horizonte, confundindo-se com o céu embaciado de agosto, – para onde iria o Tocantins?

(...)

Donde viria o rio?

Do fundo fofo da mata, onde as borboletas adejam lampejos azuis, vagos e sonsos; do alto da serra, onde a canela-de-ema é um gesto de sede; das pesadas nuvens de chuva esfiapando-se nas pontas de serra; fiapinho de prata merejando numa encosta, ao pé de buritis e samambaias.”

Ambientado o conto, vem a ação, com toda a força verossimilmente humana, toda a grandeza e miséria, desenrolada entre a índia, o tapuio seu pai, e o cabo. Para o Cabo que a indiazinha não passava de um mero objeto de prazer já não a suporta mais, a indiazinha nada mais tinha a lhe oferecer por isso faz opção para descartar o objeto, eliminá-la de uma vez por todas libertando-sedela.

O desfecho:

“– Então...! Faz aí uma continência pro praça aqui, ordenou Sulivero...”

Put-Kôe empertigou-se, levou a mão direita à altura da fonte direita, encostou o cotovelo no busto, procurou encolher o ventre e ressaltar os peitos, como Sulivero exigia.

Quando estava nessa postura, o cabo ergueu o revólver, deteve-se em pontaria numa insignificância de tempo, e o baque do tiro sacudiu a pasmaceira da tarde.

Nesse átimo, *Put-Kôe*, que levantara o semblante para fixar sorridente o cabo, desmanchou rapidamente o riso, numa dolorosa expressão de surpresa. Seus olhos tiveram um lampejo de relâmpago e ela engoliu em seco, dando à feição um ar de quem perscrutava algo que se partia por dentro de seu próprio peito. Ficou tesa uma fração de segundo, para depois vergar os joelhos, girar em torno de si e sair no solo do porto.”

Em 1981, Fábio Barreto dirigiu *Índia: a Filha do Sol*, versão do conto *Ontem Como Hoje Como Amanhã Como Depois*, com Glória Pires, Nuno Leal Maia e Sebastião Vasconcelos.

Em suas narrativas, encontram-se a pobreza, a violência, a miséria humana, a

exploração do homem e todo tipo de injustiças que revelam um mundo grotesco e desigual, dividido entre opressor e oprimido. Nesse universo de brutalidade, Bernardo mergulha e elabora uma rica literatura de denúncia e crítica social, protesto vivo trazendo à boca de cena os tipos marginalizados, espoliados, como acontece em vários de seus contos, principalmente no conto *A Enxada*, *Veranico de Janeiro*. Neste conto depara-se com um mundo deformado pela dramaticidade que domina Piano e sua família, que sobrevivem em condições degradantes, revelando o nível mais alto de sua literatura social, de denúncia.

Esse antológico conto “*A Enxada*” foi traduzido para vários idiomas e teve uma adaptação para o cinema, em que a personagem principal, Piano, seria interpretada pelo genial Grande Otelo, porém a censura, na época da ditadura, vetou o filme em razão do caráter crítico do texto. *A Enxada* aborda a triste e sofrida história de Supriano e sua família: a mulher Olaia, entrevada das duas pernas, que andava se arrastando pelo chão batido da casa, e o filho, que nasceu com um problema de retardo mental, que, na obra, é tratado como o Bobo ou Mentecapto. O retrato era: “O filho é que não se movia. Era bobo babento, cabeludo, que vivia pelos cantos da casa ou zanzando pelos arredores no seu passo de joelho mole. Diziam que fuçava na lama tal e qual um porco dos mais atentados.”

Assim eram a família e o mundo de Piano, como era chamado por todos, um lavrador explorado por um inescrupuloso patrão, proprietário das terras onde vivia o pobre trabalhador. Supriano passa quase toda narrativa em busca de uma enxada para fazer a plantação de arroz do Capitão Elpídio Chaveiro, que impõe uma data- limite, dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, para entregar tudo plantado.

Observa-se, nos fragmentos seguintes, a linguagem regionalista de Bernardo, assim como sua temática pesada, sociopolítica, revelando o universo de seus personagens, seres infelizes e abandonados e submetidos à própria sorte.

—

— Sou honrado, capitão. O que devo, pago. Mas em antes preciso de enxadamode plantar.

— Cala a boca, sô! Aqui quem fala é só. Elpídio acendeu novamente o cigarro de palha e reafirmou.

— Olha aqui, Piano. Hoje é dia onze. Até dia treze, se ôce num tiver plantadomeu arroz, esses dois soldados já tão apalavrados. Vão te trazer ocê debaixo de facão, vão te meter ocê na cadeia que é pra sair nunca mais.

(...)

Um tropel no chão batido e molhado. Uma voz.

– É o Nego, que mal pergunte?

– Nhor

sim.(...)

– Bamo desaparecer.

Demora é curta. Noite tá escura despropósito. Careço romper.(...)

– Amanhã é Santa Luzia, soldado e – vem amanhã.

A tentativa de Piano ficar procurando a enxada com todo mundo é vista pelo coronel Elpídio Chaveiro como uma forma de o empregado não pagar sua dívida coma fazenda, uma vez que o pobre diabo é dado pelo Delegado, que vendeu a fazenda, como pagamento de uma dívida ao coronel.

Acontece que o pobre sobrevivente não possui sequer uma enxada para realizar a exigida tarefa, mesmo depois de recorrer ao vizinho, ao padre, ao Homero ferreiro, que já não fazia mais enxada, aos passantes da estrada próxima à sua casa, sem nenhum sucesso.

Supriano faz de um galho de árvore e de suas mãos a própria enxada para plantar o arroz do maldito patrão.

Na noite véspera da data-limite da plantação, Piano sofre uma crise de loucura, desespero, medo e pânico. Piano passa a ter visões medonhas, horrendas, ouvindo ferros batendo em bigornas malhando, que faziam muitas e muitas enxadas, milhares de enxadas iam aparecendo. De repente Piano sai lá fora, na noite de chuva, volta para dentro, se posta diante da mulher e lhe diz:

– Olaia, Olaia, vigia a enxada!

Olaia, admirada, passou a mão pelos olhos. Será que estava dormindo?

Por mais que procurasse ver a enxada que Piano lhe mostrava, o que percebia era um galho verde em suas mãos. Talvez murici, talvez mangabeira. Mas ferramenta nenhuma ela não via.

“O homem tava não regulando, será” – pensou Olaia otusa.

– Enxada!

Piano plantou o arroz, mas, ao final da plantação, estava acabado, diluído, louco, martirizado, regido pelo processo das metamorfoses presentes nas narrativas do imaginário grego. A essa altura, Supriano já não tinha mais mãos, dedos, somente tocos de dedos e nervos e os ossos do punho expostos, o corpo todo sujo do próprio sangue.

A Enxada é o retrato de um sertão onde os homens estão sujeitos a miseráveis limitações socioeconômicas. Sua temática é autêntica porque vivida. Seu mundo é deformado pela dramaticidade que domina toda sua extensão e revelado também pela forte densidade psicológica que veste sua narrativa.

CONCLUSÃO

A obra de Bernardo Élis retrata sempre a gente simples e humilde das pequenas cidadezinhas ou dos espaços típicos do interior, ou de um sertão remoto onde os homens estão sujeitos a miseráveis limitações socioeconômicas. Sua temática é autêntica porque vivida, uma vez que Bernardo é um homem do interior, acostumado desde cedo a conviver com o drama dos pobres, dos perseguidos e dos injustiçados.

E mais ainda, para quem conhece a vida do interior goiano, sua paisagem física e humana, ao ler as narrativas do autor de *O Tronco*, vai notar o quanto ele é autêntico, verdadeiro. Seus leitores ficam surpresos ao vê-lo descrever a paisagem física do interior goiano quando descreve em detalhes as plantas do cerrado, seus frutos, a resistência e a serventia de suas madeiras. Ficam assustados ao vê-lo descrever, do ponto de vista social e psicológico, os tipos pobres e humildes do interior vitimados por um sistema de miséria e injustiça, ou, da mesma forma, como ele é real também ao descrever os tipos sórdidos, prepotentes que se encarnam nos grosseiros e violentos coronéis donos das terras e dos destinos dos infelizes que habitam os subúrbios da sociedade.

É impressionante sua autenticidade, sua intimidade com a sensível palavra literária.

SOBRE O AUTOR

Álvaro Catelan

É natural de Ubarana (SP). O Ensino Médio fez em São José do Rio Preto (SP). Em 1969, mudou-se para Goiânia (GO) e formou-se em Letras Vernáculas pela PUC-Goiás, passando a atuar como professor e radialista. Entre os livros publicados, destacam-se: *Súmula da Literatura Goiana*; *Ensaio Reunidos*; *Viola Caipira*, *Viola Quebrada*; e *Existências Paralelas*.

Recebido em setembro de 2021

Aceito para publicação em novembro de 2021

Publicado em novembro de 2021